



Agroecologia e Letramentos Sociais: a prática na Cooperflora

MEDINA, Rodolfo¹; BATISTA, Erika²; FIGUEIRA, Diego Aparecido Gomes³
¹IFSP-Campinas, rdfmdn@hotmail.com; ²IFSP-Campinas, erika.batista@ifsp.edu.br; ³IFSP-Campinas, diego.figueira@ifsp.edu.br.

Eixo temático: Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: A agroecologia é cuidado com a terra livre de agroquímicos, e partilha de experiências sobre plantio, colheita e compreensão de si como sujeito político. Serve como instrumento de letramento social importante para os agricultores. A produção agroecológica de alimentos modifica as condições de desigualdade que marcam a relação campo/cidade. O objetivo geral do estudo é enunciar quais letramentos sociais envolvidos na identidade dos produtores agroecológicos da Cooperflora orientados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Assentamento Milton Santos em Americana/SP. Os específicos são compreender rituais de comunicação que contribuem para a construção da identidade dos assentados; apresentar ações promovidas pelo MST que tratam da formação agroecológica dos agricultores; e observar letramentos sociais presentes na comunidade. A metodologia se dá pelo levantamento bibliográfico, em método dialético e monográfico, observação assistemática, participante, e individual.

Palavras-Chave: Multiletramento; Comunicação Popular; Movimentos Sociais do Campo; MST.

Contexto

Os letramentos são compreendidos como práticas que vão além da alfabetização. O letrado é o sujeito que compreende as questões sociais em que está envolvido, além de ler e escrever, que são características do alfabetizado. Para compreender esta temática, faz-se necessário entender a diversidade e identidade, com amplitude no olhar, senso crítico e consciência social, que envolvem os sujeitos envolvidos (ORLANDO & FERREIRA, 2013).

Também é importante ensinar a ler – no sentido de compreensão – as diversas fontes e possibilidades midiáticas que existem, pois além de melhorar a compreensão de mundo, também auxilia no letramento convencional e na alfabetização (CAPRINO, et al, 2013).

As práticas de letramento correspondem ao contexto político e ideológico em que estão inseridas, e não são garantias de avanço cognitivo, por isso se faz necessário “desenvolver estratégias que lidem com a variedade de necessidades letradas na sociedade contemporânea” (STREET, 2014, p. 41).

Movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. São grupos que agem com diferentes estratégias, desde denúncias até ações diretas, e pressões indiretas. Atuam em redes, construindo suas identidades



de lutas com intervenções coletivas que reivindicam moradia, alimentação, educação de qualidade, respeito e reconhecimento na sociedade, dentre outros. Fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade, contribuem ao longo da história com o processo de conscientização da sociedade, apresentam demandas de mobilização e têm certa continuidade e permanência. Além disso, dão novos significados para os termos clássicos igualdade, fraternidade e liberdade, quando incorporam os conceitos de justiça social, solidariedade e autonomia. (GOHN, 2011, p. 335).

Entende-se que os letramentos sociais acontecem no âmbito da educação não-formal, sobretudo em movimentos sociais. Assim, é notado que aprendizados relacionados ao cuidado com a terra, em comunidades rurais, são transmitidos sem a formalidade da educação alfabetizadora, e contribuem para a construção agrícola da comunidade. Na pesquisa em questão, além do trabalho com a terra e as partilhas de conhecimento acerca desta temática, é notado que os agricultores também aprendem a migrar ao sistema Agroecológico de produção de alimentos, a medida que se tornam sujeitos de suas próprias vidas e resistência ao sistema agroindustrial.

O Assentamento Milton Santos localiza-se entre os municípios e Americana e Cosmópolis, na bacia do córrego Jacutinga, na região metropolitana de Campinas/SP. Contava, em 2018, com 65 famílias assentadas, em um local de aproximadamente 105 hectares de terra, com áreas particulares e duas áreas sociais coletivas e, em sua trajetória, consta a transformação de uma área onde antes havia só cana de açúcar. A Agroecologia vem sendo discutida e implantada com orientação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Havia a princípio uma associação da comunidade assentada – Associação Acoterra – que encaminhou os trabalhos de formação com os assentados para introduzir os princípios básicos da Agroecologia e a noção de agroecossistemas, bem como seus benefícios. A partir disso a produção no assentamento é feita sem o uso de agroquímicos (BATISTA, 2018).

A área sofre influência e impacto direto da produção dos arredores. Sofre também com a falta de liberação ou redução dos recursos oriundos do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), dos quais algumas famílias participavam e por onde escoavam grande parte de sua produção (BATISTA, 2018).

Como alternativa a este problema para o escoamento da produção, parte da comunidade do Assentamento resolveu criar a Cooperflora – Cooperativa da Agricultura Familiar de Americana, Cosmópolis, Limeira e Piracicaba, na perspectiva de trabalhar com entregas para grupos de consumo, reduzindo prejuízo e desperdício de alimentos, ao mesmo tempo em que garante venda de produtos tanto do Assentamento Milton Santos como de acampamentos de cidades vizinhas, como o Elizabeth Teixeira, em Limeira (BATISTA, 2018).



O trabalho de campo foi executado nos meses de abril e maio de 2019 e contou com o acompanhamento de reuniões da Cooperflora para combinados, deliberações e organização da produção de alimentos que servem aos grupos de consumo; de rodas de conversa acerca da educação, sobretudo educação popular; e de análises de conjuntura política. Também houve participação em mutirões de lida com a terra e em visitas abertas ao público externo de estudantes e consumidores dos grupos de consumo, em que se faz apresentação do MST, da Cooperflora e do assentamento para conscientização acerca dos assuntos ligados ao Movimento.

Os objetivos delimitam-se, em termos gerais, em avaliar quais letramentos sociais estão envolvidos na identidade dos produtores agroecológicos cooperados da Cooperflora no Assentamento Milton Santos; e em termos específicos em compreender quais rituais de comunicação contribuem para a construção da identidade dos assentados; avaliar ações promovidas pelo MST que contribuam para a formação agroecológica dos agricultores; e observar quais letramentos sociais estão presentes na comunidade.

O presente trabalho compõe os estudos do Núcleo de Estudos em Agroecologia, Educação e Sociedade (NEAES) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Campinas, fomentado pelo projeto "Agroecologia, tecnologias de produção orgânica em assentamentos rurais e educação popular: a contribuição do IFSP para a sustentabilidade ambiental e segurança alimentar na Região Metropolitana de Campinas", junto ao CNPq.

Descrição da Experiência

A metodologia usada se caracteriza pelo levantamento bibliográfico em torno dos temas letramento, multiletramento, letramento social, movimentos sociais, agroecologia e MST. Através do método dialético para compreender as mudanças que acontecem a partir de um processo em movimento e monográfico estudou-se com profundidade a comunidade, para a percepção de sua totalidade e evitando pré-julgamentos ou preconceitos. A pesquisa contou com observação assistemática, explorando o conhecimento a partir da experiência de convívio; participante, estando em contato direto e com envolvimento pessoal; e individualmente feita pelo próprio pesquisador, em reuniões da Cooperflora que são realizadas para deliberar sobre os grupos de consumo.

Além das reuniões, houve participação em rodas de conversa acerca da educação, tanto formal quanto popular e no campo, e de análises de conjuntura política. Também em organização e participação de mutirões de lida com a terra e apresentações do assentamento para público externo, geralmente estudantes, pesquisadores e consumidores dos grupos de consumo.

O acompanhamento se deu nos meses de abril e maio de 2019 e foram escolhidas estas metodologias com o intuito de participação ativa junto aos agricultores e para a compreensão da educação popular na prática.



Em visita organizada pelos agricultores, para apresentação da Cooperflora ao público externo, foi realizada uma mística com garrafas de veneno em cima de uma bandeira do Brasil, simbolizando a quantidade de agrotóxico consumida anualmente por pessoa - em torno de cinco a sete litros. Usou-se desta simbologia para explicar a realidade das liberações de agrotóxicos cada vez mais presentes na política atual. Em contrapartida, em cima de outra bandeira foram colocados os alimentos que compõem a produção no assentamento Milton Santos, alimentos de outros produtores do MST, bandeiras e jornais do Movimento, simbolizando a alternativa às políticas de liberação de venenos com a agroecologia e a resistência dos envolvidos. Também houve apresentação dos agricultores, explicando do cotidiano no assentamento e como resolveram participar destas ações. Demonstraram conhecimento a respeito do uso de veneno e como isso prejudica a saúde deles. Nota-se que isto é o que mais chama atenção para eles, visto que atinge diretamente as famílias. A maioria são mulheres.

Nas reuniões da Cooperflora se organizam as cestas dos grupos de consumo e são trocadas experiências sobre plantio e colheita. Tudo é relatado pela liderança do assentamento e passado para os agricultores, que portam um caderno de anotações onde, com auxílio de outras pessoas, são anotados os alimentos que terão de entregar e quais deverão plantar na semana que procede a reunião. Também é momento de se organizarem para eventos que atendam ao público externo.

Há envolvimento de pessoas externas, sobretudo estudantes e pesquisadores de diversas instituições de ensino da região, que além de construírem suas pesquisas, auxiliam os agricultores com análise de terra, orientação para plantio, fornecimento de insumos e mudas, e avaliação financeira. Estas atividades também se dão em mutirões de lida com a terra, onde o conhecimento teórico é colocado em prática e a vivência fortalece laços entre os pesquisadores e os agricultores, que acolhem com cafés e almoços feitos com alimentos produzidos no assentamento.

Em uma roda de conversa sobre educação, que aconteceu durante uma das atividades de visita e mutirão de lida com a terra, foi relatada a realidade escolar nos assentamentos, sobretudo com a dificuldade em formar professores que trabalhem no campo, e conheçam o cotidiano do campo. A escolarização é feita no setor público da região, desde infantil até médio, mas com lei que garante a educação no campo, há prerrogativa para esta luta. Entender o cotidiano dos estudantes destas regiões é importante também, pois o calendário escolar deve caminhar em consonância com a lida com a terra, temporada de chuvas, colheita, etc. Também se fez lembrar da construção de uma sala de EJA no assentamento, para atender a comunidade, que é, majoritariamente, composta de analfabetos.

Resultados

Entre os letramentos sociais envolvidos na identidade dos produtores agroecológicos cooperados da Cooperflora no Assentamento Milton Santos,



encontram-se formações a respeito do plantio e cuidado com a terra e reuniões para deliberações acerca dos grupos de consumo direto, que se dão em âmbito de extensão universitária com parcerias externas e cursos oferecidos especificamente para os assentados.

Nas reuniões da Cooperflora é possível perceber a formação a partir da troca de informações dos cooperados, e também, em momentos específicos, com a participação dos pesquisadores que frequentam as reuniões e visam auxiliar nas necessidades dos assentados.

É possível perceber também que diversos rituais de comunicação contribuem para a construção da identidade dos assentados, sobretudo quando diz respeito a vida no campo e ao cotidiano destes. Em eventos que contam com público externo, momentos de místicas e reflexões acerca do consumo de veneno e o cuidado com a saúde são acompanhados de leitura e interpretação de poesias, com cantos e manifestações do MST.

Para compreender-se enquanto sujeito participante do Movimento, além de trabalhador rural, a formação perpassa pela formalidade de uma reunião ou apresentação ao público externo, alcançando até mesmo a resistência às necessidades quando se forma um novo acampamento. Envolve, além disso, o aprendizado para o cuidado com a terra de forma agroecológica, em agrofloresta, pois é algo relativamente novo no movimento, que hoje levanta essa bandeira como luta política e ideológica de transformação social.

Dentre os letramentos sociais presentes na comunidade pode-se notar o uso das mídias sociais em rede de comunicação, conversas em roda e reuniões, apresentações pessoais e do grupo para o público externo, partilha de informações com os pesquisadores envolvidos com o assentamento, organização política de resistência e compreensão de si como sujeito da própria vida, troca de experiências sobre o cuidado com a terra, consciência acerca da formação escolar e orientação aos mais jovens em buscá-la, uso de materiais de comunicação não escrita, orientações precisas da liderança, que é notável conhecer mais de questões burocráticas que os demais agricultores, e partilha de experiências anteriores para nortear ações presentes e vislumbrar o planejamento futuro.

Por se tratar de um estudo em movimento, não há uma finalização propriamente dita e a partilha de saberes será sempre desenvolvida e aprimorada.

Agradecimentos especiais aos agricultores do Assentamento Milton Santos, que compartilharam de suas experiências e auxiliaram na prática do presente estudo. A acolhida e partilha é exemplo de prática educativa.

Referências bibliográficas



BATISTA, Erika. **Economia política da sustentabilidade, desenvolvimento e produção de alimentos no Brasil:** o impacto do agronegócio e as possibilidades para a agricultura de base agroecológica no século XXI. Supervisor: Francisco Luiz Corsi. 2018. 105 f. Relatório de Pesquisa (Pós-doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018. Programa Nacional de Pós-Doutorado CAPES/PNPD.

CAPRINO, Mônica Pegurer; PESSONI, Arquimedes; APARÍCIO, Ana Silva Moço. **Mídia e Educação:** A necessidade do Multiletramento. Comunicação e Inovação. São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p. 13-19, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade.** Rev. Bras. Educ. [online], v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

ORLANDO, Andreia Fernanda; FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Do letramento aos multiletramentos:** contribuições à formação de professores(as) com vistas à questão indenitária. Revista Travessias, v. 7, n. 1, p. 414-430, 2013. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8360/6302> Acesso em 16 de maio de 2019.

STREET, Brian. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2014.